

Injustiças no rateio dos troféus

SÉRGIO BAZI

Como estava previsto, deu tudo errado na 21ª edição do Festival de Brasília. Nem o júri, que acabou sendo improvisado, conseguiu cumprir com dignidade o seu papel de distribuir os prêmios. Os jurados da mostra de 35 mm promoveram um verdadeiro festival de conservadorismo, contemporização e distributivismo. **Romance** foi o grande injustiçado. O filme de Sérgio Bianchi pode ser desigual e visceralmente desagradável, mas não há como negar que foi o único momento de inquietação entre os longas concorrentes. **O Mentiroso** é apenas simpático e **Memória Viva** não passa de um documentário tão bem-feito quanto desinteressante.

É certo que a divisão de prêmios é uma prática comum nos festivais. Mas desta vez o júri exagerou na dose de escolhas duplas. A mais gritante delas foi a decisão de entregar o Candango de melhor atriz à excelente Imara Reis (**Romance**) e à insossa Cláudia Magno (**Presença de Marisa**). Estranhamente os jurados preferiram deixar em branco a premiação de ator coadjuvante quando tinham uma única e bela opção: o grande Sérgio Mamberti, que dá um banho de interpretação em **O Mentiroso**, vivendo quatro papéis diferentes. Ao mesmo tempo, resolveram providenciar um ridículo "prêmio especial" ao ator Joel Barcellos — que apresentou em **Presença de Marisa** a pior performance não só do festival como de toda a sua já longa carreira.

A vocação salomônica do júri ficou patente também na premiação dos curtas. **A Garota das Telas** realmente mereceu levar o prêmio principal, quando nada por ter sido praticamente a única unanimidade do festival. Os inventivos **Três Moedas na Fonte e Barbosa**, que dividiram o prêmio de roteiro, saíram injustiçados. E Ricardo Bravo não fez jus ao prêmio de direção com seu asséptico **Referência**, ao contrário de Joel Pizzini e seu sensível cinepoema intitulado **Caramujo Flor**. Outras escolhas acertadas: os prêmios de cenografia e musical original para o espartíssimo **A Garota das Telas**.

E por falar em música, o júri decidiu fechar os ouvidos para as trilhas dos longas (e também não premiam nenhum roteiro). Mas aí sim seria justificável uma escolha dupla, já que tanto o trabalho do grupo Chance (**Romance**, mais experimental) quanto o de David Tygel (**O Mentiroso**, mais convencional) têm qualidade. É a primeira vez que o Festival de Brasília deixa de premiar o trabalho dos músicos. E isso acontece ironicamente no ano em que o evento mais investiu na música. Por essa o maestro não esperava.